



### RESENHA:

**GEORGE ORWELL (PSEUDÔNIMO DE ERIC ARTHUR BLAIR) NINETEEN EIGHTY-FOUR. 1a. Edição. Londres: Secker and Warburg, 1949, 368 p.**

Eric Arthur Blair (1903-1950), filho de um funcionário de segundo escalão do governo colonial inglês na Índia, adotou, em 1933, o pseudônimo de George Orwell que o tornaria mundialmente conhecido, especialmente graças às suas últimas obras: *Revolução dos Bichos* e *1984*, publicadas em 1945 e 1949, respectivamente. Orwell era o que se pode chamar hoje de social-democrata de inspiração liberal. A sua tendência antiautoritária o levaria a revisar a inicial simpatia que teve para com os comunistas. A participação do escritor inglês na Guerra Civil espanhola lhe revelou o caráter sombrio do totalitarismo staliniano, refletido na dogmática intolerância dos comunistas espanhóis. A experiência da Segunda Guerra Mundial, de outro lado, (uma V-2 alemã destruiu seu apartamento em Londres em 1944), revelar-lhe-ia o caráter supra-ideológico do totalitarismo, cujo cerne seria o poder pelo poder. Essa experiência de Orwell, bem como a sua lúcida percepção dos riscos da dominação burocrática no seio do Partido Trabalhista britânico, ao qual sempre pertenceu, forneceram-lhe um cabedal de informações que o escritor utilizaria na genial anti-utopia política que é *1984*.

Os heróis deste romance orwelliano (Winston Smith e Júlia) são personagens gerados no seio da velha tradição liberal britânica, cujo fundamento inabalável é a fé no indivíduo. Em que pese o fato da final vitória do Partido sobre Smith, que é compelido a “duplipensar” em função da governabilidade, transformando as suas idéias oposicionistas e os seus sentimentos de ódio ao Grande Irmão em idéias e sentimentos de cunho ortodoxo, (não podemos deixar de lembrar, aqui, o projeto moralizador das mentes e das vontades proposto por Saint-Simon e endossado pelo seu discípulo Augusto Comte), não é menos certo que Winston Smith e Júlia são capazes de se insurgirem contra o sistema de poder total, justamente porque são capazes de sentir individualmente, como pessoas livres. A profissão de fé liberal de Smith é traduzida por estas reflexões que ele faz, no decorrer do diálogo com sua amante, Júlia: “Não podiam alterar os sentimentos do indivíduo: nem ele próprio o consegue, mesmo que o deseje. Podiam colocar a nu, nos últimos detalhes, tudo quanto houvesse feito, dito ou pensado; mas o imo do coração, cujo funcionamento é um mistério para o próprio indivíduo, continuava inexpugnável”.

A técnica narrativa de Orwell consiste em forjar a situação extrema antiutópica, a que conduzem as utopias totalitárias. O Grande Inquisidor O’Brien explicita o extremo a que conduzirá o sistema de Poder Total: a dominação pela dominação, abandonadas como etapas caducas as velhas promessas messiânicas dos totalitarismos nazista e comunista. A imagem desse Poder é a mais violenta possível: “Se queres uma imagem do futuro - diz O’Brien à sua vítima Smith em meio à sessão de tortura - pensa numa bota pisando um rosto humano, para sempre”. Tal imagem parece ter inspirado a seqüência com que o diretor de cinema Stanley Kubrick ilustra em *A laranja mecânica* o fim do tratamento do seu anti-herói, que lambe a sola do sapato do seu reformador.

O grande valor humanístico da obra de Orwell consiste, justamente, em ser uma voz de alerta para os extremos a que pode conduzir a proposta totalitária, em qualquer lugar do mundo onde ela se instalar. Como salientou Arthur Schlesinger Jr., em artigo publicado pelo Suplemento *Cultura* de *O Estado de S. Paulo* (edição número 186, de 1º. de Janeiro de 1984, p. 16) e intitulado “O futuro é hoje”, ao transportar a lógica inerente ao nazismo e ao stalinismo ao seu limite extremo, Orwell “moldou, para uma época, a teoria do totalitarismo unitário e irreversível, que bloqueia todas as instituições autônomas da sociedade e reconstrói a personalidade humana. Essa teoria ganhou novo alento e expressão com a publicação de *The Origins of Totalitarianism*, de Hannah Arendt, dois anos depois, em 1951, pois Arendt mostrara, como realidade histórica, o que Orwell expusera na forma de ficção e alerta”.

Em face de uma agressiva realidade latino-americana, que vê surgir o fantasma do messianismo populista como ordem do dia para sair da miséria de séculos, acho que a obra em apreço possui grande atualidade para o público leitor, como alerta em face do risco totalitário, que assoma sempre que se constituem poderes incontestes que almejam fugir ao controle das suas respectivas sociedades.

Juiz de Fora, 11 de Dezembro de 2006.

**Ricardo Vélez Rodríguez**